



CAMINHADA: PROCESSO ARTÍSTICO E DE APRENDIZAGEM EM ARTE

WALK: ARTISTIC PROCESS AND LEARNING IN ART

Nuana Câmara Soares¹
PROFARTES Unesp
Mônica Gervásio da Silva²
Escola Washington Pinheiro Meirelles

RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar uma experiência interdisciplinar realizada na Escola Estadual Washington Pinheiro Meirelles com os alunos do Ensino Médio, envolvendo os componentes curriculares Artes e Geografia. O relato destaca o processo artístico e de aprendizagem que teve como foco as caminhadas na cidade de Itapemirim, Espírito Santo, realizadas com os alunos da disciplina eletiva Mapa com Afeto. Estas caminhadas revelaram ser uma prática em potencial para o processo de aprendizagem mais significativo para os alunos. A experiência artística e de ensino tem a caminhada como geradora dessa experiência, cartografando este processo. Partimos dos conceitos de Cartografia (Passos; Kastrup; Escócia, 2015) e Caminhada (Careri, 2013).

PALAVRAS-CHAVE

Caminhada. Relato de Experiência. Cartografia. Ensino de Arte.

ABSTRACT

This article aims to report an interdisciplinary experience carried out at Washington Pinheiro Meirelles State School with multi-grade high school students involving the curricular components of Arts and Geography. The report highlights the artistic and learning process that focused on walks in the city of Itapemirim, Espírito Santo, conducted with students from the elective course "Mapa com Afeto." These walks revealed to be a potential practice for a more meaningful learning process for the students. The artistic and teaching experience sees the walk as the generator of this experience, mapping out this process. We draw from concepts of Cartography (Passos; Kastrup; Escócia, 2015) and Walking (Careri, 2013).

¹ Mestranda do PROFARTES da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Graduada em Licenciatura Plena em Artes Visuais pelo Centro Universitário Fluminense em Campos do Goytacazes, no Rio de Janeiro (UNIFLU-FAFIC- 2010). Professora efetiva estadual na educação básica do Espírito Santo na Escola Washington Pinheiro Meirelles, Lot. na cidade de Itapemirim. E-mail: nuanacamara83@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9471365215353356> Espírito Santo, Brasil.

² Licenciada em Geografia pelo Centro Universitário São Camilo. Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela Faesa, 2011. Professora efetiva na educação básica da Rede Estadual do Espírito Santo, na Escola Washington Pinheiro Meirelles, Lot. na cidade de Itapemirim, ES, 29330-000. E-mail: monica.gsilva@educador.edu.es.gov.br. Espírito Santo, Brasil.



KEYWORDS

Walking. Experience Report. Cartography. Art Education.

Introdução

Este artigo tem por objetivo relatar as experiências vividas junto aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Washington Pinheiro Meirelles, na cidade de Itapemirim, Espírito Santo. Esses são pertencentes a um grupo multisseriado, composto pela disciplina eletiva Mapa com Afeto, inserida na parte diversificada do currículo e tendo como disciplinas da base os componentes curriculares Arte e Geografia. A pesquisa surge a partir dos questionamentos sobre o processo de aprendizagem dos alunos caminhantes, dentro de narrativas cartográficas, procurando se há aprendizagem no processo de caminhada e quais seriam essas aprendizagens.

A motivação para abordar essas questões nas aulas partiu da atuação como arte-educadora, no ano de 2023, quando percebi sutilmente a presença da cartografia em minhas aulas de arte. Ao realizar um projeto que tinha como foco a comunidade no entorno da escola, embarquei em uma jornada de descobertas junto com os alunos, pesquisando os moradores do bairro e seus costumes, realizando assim uma cartografia social através da caminhada pelo bairro do Rosa Meirelles, Itapemirim. Ao término dessa experiência, em uma roda de conversa com os alunos, ficou evidente que o ponto alto do projeto foi a caminhada e o contato direto com os moradores, além das observações proporcionadas por essa experiência. Essa vivência foi o ponto de partida para uma proposta de aula que transcende os limites físicos da escola, enxergando a cidade como uma rica fonte de conhecimento e aprendizagem.

A caminhada despertou um forte interesse como método de aprendizagem; decidimos então propor, para o primeiro semestre de 2024, aulas fundamentadas no currículo básico comum, com o intuito de explorar e conhecer o território e suas culturas. Buscamos, assim, promover aulas que proporcionassem cartografar o local através das caminhadas pela cidade, trazendo aos alunos uma imersão no território onde estão inseridos. Isso foi pensado e elaborado na disciplina eletiva Mapa com Afeto.



Um dos questionamentos trazidos foi: é possível pensar a cidade em uma perspectiva educativa, considerando o olhar artístico e político do caminhante, atribuindo significando e ressignificando os elementos que compõem esses lugares, desafiando a própria narrativa cartográfica dos alunos como caminho para o aprendizado significativo?

As aulas propuseram estimular os alunos caminhantes a um aprendizado exploratório, criativo e analítico do ambiente ao seu redor. As aulas, imersas na sensibilidade estética, tinham o intuito de promover a percepção artística e a aprendizagem por meio da cidade, mapeando essas narrativas cartográficas construídas pelos alunos, buscando uma educação conectiva que integre os saberes acadêmicos e as vivências deles.

O projeto teve início em março de 2024 e apropriou-se do conceito de cartografia pensado pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), tendo como referência o livro “Pistas do método da cartografia: Pesquisas-intervenção e produção de subjetividade” (2015), com a organização de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia; assim como o conceito de caminhada com Francesco Careri, no livro “Walkscapes: O caminhar como Prática Estética” (2013).

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de explorar a integração da caminhada como método de aprendizagem, tendo como ponto de partida a experiência vivenciada pelos alunos nas aulas da disciplina eletiva, destacando especialmente as narrativas cartográficas construídas pelos educandos, seu processo de aprendizado influenciado pelo território e suas observações do espaço.

Realizar pesquisas desse tipo dentro do ambiente escolar é de suma importância, pois possibilita que os alunos se engajem de forma mais profunda e significativa com os espaços ao seu redor, ampliando assim os horizontes da educação. Isso não apenas promove um sentimento de pertencimento por parte dos alunos, mas também permite a construção de significados para os espaços que os cercam, enriquecendo o processo de aprendizagem em arte.



Caminhada e Cartografia

A prática de caminhar pela cidade e explorar suas histórias, juntamente com o mapeamento dessas experiências, transcende a rotina da sala de aula e consiste em um emaranhado de informações e formações: “É nesse contexto que surge a proposta do método da cartografia, que tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades” (Barros; Kastrup, 2015, p.56), constituindo-se em uma valiosa ferramenta pedagógica para valorizar os espaços urbanos. Ao explorar locais cotidianos e proporcionar oportunidades de aprendizado autêntico, essa abordagem contribui de forma eficaz para a formação integral dos alunos.

A abordagem cartográfica surge como um método que visa acompanhar processos de forma dinâmica, orientando um trabalho aberto, de produção fluída e de formação de sujeitos. Em vez de impor regras rígidas ou objetivos pré-estabelecidos, o foco está em colocar o estudante caminhante no centro do processo, permitindo uma exploração mais livre e criativa do seu conhecimento. Pois:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. (...) O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*)¹, mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto de pesquisa, do pesquisador e seus resultados. (Passos e Barros, 2015, p.17).

O método cartográfico, inspirado pelo conceito de cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), não se limita à representação estática de objetos, mas sim propõe um acompanhamento dinâmico de processos. Ele gera movimentos, cria desvios, redes e derivas, como um constante processo de produção. Nesse contexto, os artefatos poético-estéticos e sociais resultantes podem se transformar e variar, refletindo valores culturais individuais e coletivos. Esse método se relaciona à proposta de uma educação conectiva, onde os estudantes são colocados no centro



do processo de aprendizagem, promovendo uma abordagem mais holística e participativa.

O estudante caminhante desempenha um papel crucial na pesquisa e na compreensão e reconstrução das histórias e dos sentidos de pertencimento das sociedades ao longo do tempo, colocando-se ao centro, como observador e como “[...] forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo [...]” (Careri, 2013 p.28).

Ao percorrer os caminhos, podemos testemunhar a influência humana na paisagem, a deriva “[...] transforma-se em construção de situações experimentando comportamentos lúdicos-criativos [...]” (Careri, 2013, p. 29). Caminhar nos permite não apenas observar, mas também sentir e interagir com o espaço ao nosso redor, estabelecendo conexões.

A prática da caminhada é ancestral e tem sido fundamental na jornada da humanidade, cartografias pintadas em pedras deixaram pistas da existência humana e sua evolução: “Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o cercava” (Careri, 2013, p.27). Ao buscar novas paisagens, o ser humano não apenas explorou novos territórios, mas também se fundiu com diferentes culturas, sendo influenciado pelo meio e influenciando-o no retorno. A caminhada narra nossa história, marcando desbravamentos, ensinamentos e rituais religiosos: “O caminhar é uma arte que traz em seu seio o *menir*”, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território” (Careri, 2013, p.28).

Ainda hoje, a caminhada continua a ser uma prática presente, manifestando-se como um ato de fé, homenagem, promoção da saúde e até mesmo de protesto. É neste sentido, considerando a caminhada e sua relevância em diversos aspectos da vida humana, que vem o desejo de incorporá-la como estratégia de ensino-aprendizagem, pensando a cidade como propositora de conhecimento, a partir da experiência do olhar e da caminhada por ela.



Partindo das definições de Psicogeografia e Deriva e do Grupo Internacional Situacionistasⁱⁱⁱ, a pesquisa vai ganhando forma: “Os situacionistas tinham encontrado na deriva psicogeográfica o meio com o qual despir a cidade, mas também com o qual construir um meio lúdico de reapropriação do território” (Careri, 2013, p. 98). Sobre isso, o autor ressalta:

Psicogeografia “Estudo dos efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, que atuam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos.”

Deriva “Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem por vários ambientes. Mas particularmente, também designa a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (Careri, 2013, p.90, grifo do autor).

Inspirado nas noções de psicogeografia propostas pelo Grupo Internacional Situacionistas, o projeto foi concebido, tendo a cidade de Itapemirim e seus lugares de significado como ponto de partida para despertar nos alunos inspiração para a aprendizagem em Arte e em Geografia. Assim como o Grupo Internacional Situacionistas, que tinha como desejo percorrer “[...] a cidade em busca dos espaços, por meio de um olhar questionador, descobridor e crítico” (Pererira, 2014, p. 111), os estudantes também andavam por Itapemirim com esses questionamentos em mente.

A exploração das caminhadas pela cidade com os estudantes já foi anteriormente analisada por Dilma Angela da Silva, em sua pesquisa de mestrado, que indagou: “Como as crianças podem participar do processo de construção e reorganização das cidades?” (Silva, 2020, p.142). No seu estudo, a autora ressalta como essas caminhadas permitiram aos estudantes experimentar diversas manifestações estéticas e práticas culturais para além dos limites escolares, reconhecendo a cidade como uma fonte de conhecimento, um local de interação e de experiências compartilhadas.

Assim como Silva, Daniel Almeida Bezerra, também em sua pesquisa de mestrado (2017), indagou como as caminhadas contribuem para a educação do olhar geográfico, questionando como que a modalidade da caminhada exerce uma função dialógica na articulação do ensino da geografia, da arte e da ciência. Ao final da pesquisa o autor afirma que “entende a cidade como um produto inacabado”, que a



conclusão da pesquisa não “esgotou os debates acerca da educação do olhar geográfico, nem de sua relação com os modos de caminhar na cidade” (Bezerra, 2017, p.290).

Dentro desta perspectiva, nossa experiência teve a caminhada como ferramenta enriquecedora do processo de ensino-aprendizagem. Entendemos a cidade como uma fonte inesgotável do conhecimento, proporcionando aos estudantes uma imersão estética através da caminhada, permeada por observações, questionamentos e experiências que transcendem os limites físicos da escola. Essa abordagem amplia as oportunidades de aprendizado, capacitando os alunos a compreenderem a cidade como um verdadeiro laboratório de aprendizagem.

Eletiva: Mapa com Afeto

Em março de 2024, divulgamos na escola a proposta da parte diversificada Mapa com Afeto, onde os alunos escolhem as eletivas que mais se identificam baseados no seu “Projeto de Vida” (LDB nº 9.394/96 Art-35 § 7º Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017). Começamos as aulas com formulários e um jogo sobre os temas que seriam abordados na disciplina, aproveitando a biblioteca como um espaço de descoberta e investigação. Em seguida, compartilhamos um pouco da história da nossa cidade, destacando seus patrimônios e locais de significância, visando fortalecer o sentimento de pertencimento ao nosso território.

Quando o passado não é mais presente na lembrança da experiência, cabe à arte propagar recordações, contar histórias e enaltecer lugares memoráveis ou não. Além disso, a arte pode proporcionar experiências nas derivações pela cidade, que farão sentido ao educando. Como afirmou Adjoké (*apud* Machado, 2019, p. 194): “Quando percebemos quem somos, de onde viemos, passamos a fazer parte do mundo enquanto sujeitos históricos. Essas memórias estão escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente”.

Em março, realizamos nossa primeira experiência de caminhada em grupo pela cidade, tendo a experiência como algo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p.21). Devidamente uniformizados, não para padronizá-los,



mas para nos reconhecermos e sermos reconhecidos pelos moradores como como estudantes e professores, indivíduos que habitam e participam ativamente da cidade. Conforme afirma Careri (2013, p.51): “O caminhar, mesmo não sendo uma construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados”. O grupo de alunos se tornou uma presença viva, deixando sua marca na paisagem cotidiana enquanto exploramos os caminhos à nossa frente.

Atravessamos os muros da escola, caminhando em direção à Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo (figura 1), patrimônio material da cidade, que divide lugar na praça central com os variados tipos de comércio, passado e presente ocupando o mesmo lugar. A proposta da aula é explorar os recursos da cidade, promovendo aprendizado, pertencimento e identidade aos alunos.

Nesse processo imaginário de construção de espaços-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por permitir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitem reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade (Pesavento, 2015, p. 17).



Figura 1: Igreja Nossa Senhora do Amparo, extraída do site da diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES <https://www.diocesecachoeiro.org.br/ler.asp?codigo=5597> . Acesso em: 04 de maio de 2024.



Com a visita previamente agendada, adentramos na Igreja, um local familiar para alguns e de estranhamento para outros. Mas a proposta das aulas é conhecer e reconhecer, olhar novamente, despertando algo novo, pois, tal como os situacionistas, a proposta era que as “[...] pessoas que tivessem o desejo real de conhecer os espaços das cidades e não somente reconhecê-los” (Pereira, 2014 p.107).

Naquele momento, a igreja estava vivenciando o período da quaresma (figura 2), dentro do calendário católico, o que despertou muita curiosidade com seus santos cobertos, provocando questionamentos sobre a doutrina católica. Sugerimos a observação de algumas características artísticas da arquitetura do prédio, suas peças do período barroco e compartilhamos algumas histórias que envolviam o local. Os alunos se comportaram como verdadeiros detetives, examinando detalhes, fazendo perguntas e encantados com o ambiente.



Figura 2- Alunos da escola Estadual “Washington Pinheiro Meirelles” na Igreja Nossa Senhora do Amparo. Foto: arquivo pessoal



A proposta despertou curiosidade sobre os diferentes templos existentes no município, além do olhar artístico dos alunos para o desenho do ladrilho da igreja (figuras 3 e 4). Continuamos nossa caminhada, atravessamos a praça central, Domingos José Martins, passamos pela Rua das Palmeiras, onde apontamos a casa em que o Imperador Dom Pedro II fez sua refeição quando passou por Itapemirim. Seguimos pela rua Jerônimo Monteiro, uma das ruas mais antigas do município, apontamos as ruínas da primeira igreja matriz da Villa, onde só existe um muro de pedras que hoje fica no quintal de uma casa particular.



Figura 3 e 4- Ladrilho original na Matriz Nossa Senhora do Amparo, Patrimônio artístico e histórico da cidade de Itapemirim. Foto: arquivo pessoal.

Caminhamos em direção ao antigo clube da cidade, e ali fizemos uma pausa na praça, conhecida carinhosamente pela comunidade como “pracinha antiga”, onde existe um coreto e a Câmara Municipal de Itapemirim, tombada como patrimônio histórico e artístico, porém, o imponente edifício está se deteriorando pela ação do tempo e pela negligência dos governantes. Foi nesse momento que compartilhamos uma história com os alunos: a existência de um cinema na cidade, localizado no final da rua Marcondes, uma via paralela à rua Jerônimo Monteiro.



Nesse instante, fomos surpreendidos pela presença calorosa de Dona Filinha, uma senhora simpática que se emocionou ao ver o grupo de alunos explorando “nossa história”. Mesmo com as mãos ocupadas com sacolas de compras, como alguém que está com pressa para preparar o almoço, ela pediu para falar. Com um sorriso no rosto, ela fez questão de compartilhar suas lembranças quando ouviu falar do cinema. Com uma voz doce e nostálgica, Dona Filinha contou que costumava vir para o cinema de caminhão com meu pai, junto com os irmãos e vizinhos, e que, cada viagem para chegar ao cinema era uma alegria, especialmente porque morava no interior. As ruas antes da sessão pareciam um cenário de festa, cheias de vida, histórias e encontros. Ela revelou que passou a vida inteira em Itapemirim, que ama o lugar onde mora e que é sempre bom recordar essa época especial. Os alunos ouviram com atenção e bateram palmas quando ela se foi.

Continuamos nossa jornada e adentramos na comunidade Santo Antônio, apelidada de “Arraial dos Macacos”. Este lugar é como um apêndice, desconhecido para a maioria dos alunos, embora faça parte da cidade. É um bairro que tem como seu ponto principal a capela da Igreja Santo Antônio e é conhecido por ter um grupo tradicional de congo. O bairro é cercado por um enorme muro que o separa de uma fazenda, de um lado um lugar urbano, cheio de casas, asfalto; do outro lado, pasto e gado.

Continuamos nossa trajetória, passando por um lugar querido por muitos itapemirinsenses, o “Galo da Vila”, o campo de futebol do Clube Atlético da Vila. Ao nos aproximarmos do final de nossa caminhada, nos deparamos com as ruínas de uma antiga fábrica de doces de Itapemirim (sabe-se pouco sobre ela), hoje transformada em uma arena de *Airsoft* e *Paintball*. Os alunos entraram, gritaram, correram e comentaram, como se estivessem fazendo uma grande descoberta, envolvidos pela empolgação da aventura (figura 5).



Figura 5: Caminhada dentro dos escombros da antiga fábrica, hoje transformada em uma arena de *Airsoft* e *Paintball*. Foto: arquivo pessoal.

Após a experiência, propomos criar uma cartografia, pois “não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela” (Larrosa, 2018, p.19). Eles iniciaram suas cartografias, de forma ainda nova, imprimindo suas observações no papel, com desenhos, palavras, da forma como achassem melhor, pois “Utilizar-se da cartografia como método é perceber as coisas por meio da experiência, do deixar vir e ouvir o outro, de trazer esse processo à arte e à educação de maneira poética” (Pereira, 2024 p.109). Foi uma experiência enriquecedora que, a partir da curiosidade dos alunos, nos permitiu abordar conteúdos previstos na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de uma maneira significativa e envolvente.

A professora A, responsável pela disciplina de Geografia, conduziu uma aula explicação sobre os mapas, utilizando o mapa que criamos durante nossa caminhada como ponto de partida (figura 6).

Caminha realizada dia 25/03/2024 com os alunos da Eletiva: Mapa com Afeto. 2,2 km



Nossa segunda experiência de caminhada aconteceu algumas semanas depois e nos levou à comunidade Rosa Meirelles, um bairro que circunda a escola e serve como acesso a outros bairros mais periféricos da cidade, onde residem muitos de nossos alunos. A proposta era seguir um mapa previamente elaborado e distribuído aos alunos, indicando as ruas pelas quais deveríamos passar. Dividimos a turma em dois grupos: um acompanharia a professora A, enquanto o outro seguiria com a professora B. Seguimos por trajetos opostos, com a intenção de nos encontrarmos em um determinado ponto. No entanto, isso não ocorreu como planejado. A professora A perdeu a conexão com a internet e não conseguiu guiar seu grupo por um “beco”,



desconhecido tanto para nós quanto para o *Google Maps*. Por sorte, alguns alunos do grupo da professora B estavam familiarizados com o local e conseguiram conduzir o trajeto conforme planejado. A proposta era realizar um desenho cartográfico do nosso patrimônio natural “O Frade e a Freira” (figuras 7 e 8), formado a partir da caminhada registrada no *GPS*. Essa ideia surgiu com Stephen Lund, artista canadense, que transformou-se em fenômeno mundial, produzindo obras de arte virtuais, pedalando sua *bike*, através do auxílio do *GPS*, inclusive sendo texto para uma questão de ENEM (exame nacional ensino médio) em 2018.

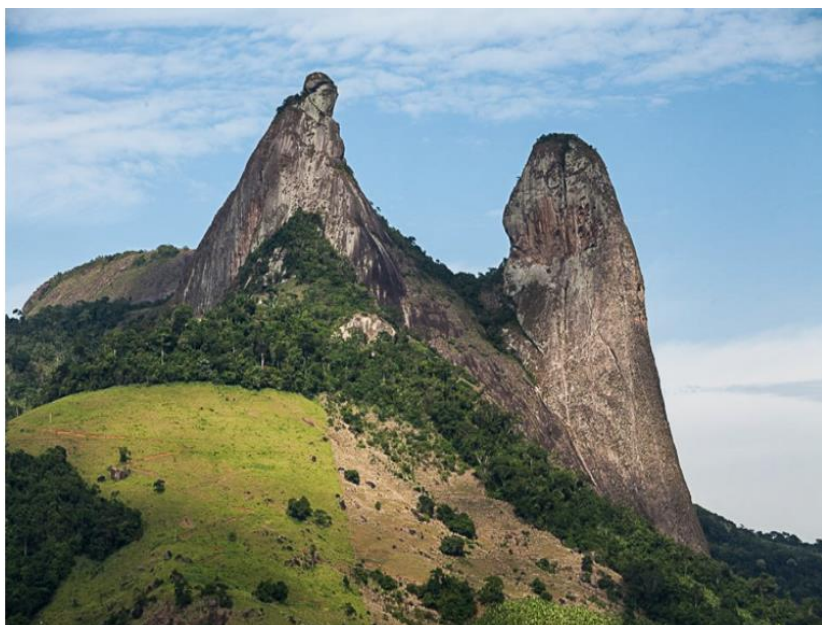


Figura 7- Foto de Cacá de Lima, extraído do site do IEMA https://iema.es.gov.br/MONA_Frade_Freira acesso em: 04 de maio de 2024. no monumento natural “ O Frade e Freira”, tombado como patrimônio natural desde 1986.



Figura 8- Cartografia realizada pelos alunos no Bairro Rosa Meirelles, onde desenhos com o percurso, através do aplicativo do Google Maps e o Strava o desenho do Frade e da Feira, patrimônio Natural de Itapemirim.

Considerações

Como professoras proponentes desta pesquisa, compreendemos que “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo do viver” (Dewey, 2010 p.109). Isso nos leva a reconhecer que a pesquisa se desdobrará continuamente, sempre que a caminhada for adotada como prática estética de intervenção na paisagem e como processo de aprendizagem. Entendendo que a pesquisa está despertando no aluno um olhar observador e questionador, considerando ainda a cidade como um reservatório inesgotável de possibilidades para investigação e aprendizado, o resultado, até o momento, é promissor, uma vez que a experiência já vivenciada gerou uma multiplicidade de observações e indagações, por parte dos alunos, promovendo o protagonismo no processo de aprendizagem e enriquecendo significativamente todo o processo de ensino.

Após as experiências de caminhadas, em roda de conversa com os alunos, surgiram diferentes indagações e curiosidades, respondendo alguns questionamentos



levantados no início da atividade, pensando a cidade dentro de uma perspectiva educativa. Assuntos como: religião, economia, patrimônio, classes sociais, sociedade, história, cartografia, leitura de mapa, arquitetura como arte, entre outros, surgiram, fazendo com que percebamos que este processo, além de interdisciplinar como propusemos, seria também multidisciplinar, aguçando a curiosidade dos alunos em todas as disciplinas da base comum, além das disciplinas da parte diversificada. Sendo assim, educar esteticamente significaria, então, possibilitar essa vivência, essa reelaboração por meio da emoção da obra de arte, dos lugares, das memórias e das histórias dos sujeitos, trazendo significado para a aprendizagem.

A psicogeografia, proposta pelos situacionistas, propõe “[...] uma arte diretamente ligada à vida [...]” e que esta arte “[...] estaria em relação direta com a cidade” (Jacques, 2003, p.19). E, considerando que Dewey (2010) ressalta que a arte nos chega através dos sentidos, portões de toda a experiência, a prática de caminhada como intervenção artística, como processo artístico e de aprendizagem vivenciado pelos alunos rompe os muros da escola, busca na vida e na experiência com a cidade um aprendizado significativo em arte.

Ao voltarmos para a escola, a proposta era desenhar cartografias do processo vivido (figuras 9 e 10). No entanto, essa atividade específica ainda não se mostrou satisfatória para os alunos. Eles frequentemente são influenciados pelas observações dos colegas ou pelas rodas de conversa posteriores à experiência de caminhada. Os alunos entendem a cartografia como uma representação artística das experiências, demonstrando insatisfação com os resultados, expressando comentários como: “não sei desenhar” ou “está feio”, entre outras”. Entretanto, essa insatisfação não é unânime, tivemos alunos que expressaram sensibilidade e criatividade em suas cartografias. Em uma das cartografias criadas, uma aluna imprimiu suas digitais com urucum, planta observada na passagem pelo bairro Santo Antônio; e outra aluna desenhou borboletas que estavam no caminho. Em quase todas as cartografias, a escola foi colocada como ponto de referência, o que nos leva a crer na importância da escola para os alunos em seu processo de conhecimento, de forma consciente ou inconsciente, presente em sua expressão cartográfica da experiência.



Figura 9- Mapa do desenho do “Frade e Freira”, através da caminhada pelo Bairro Rosa Meirelles.

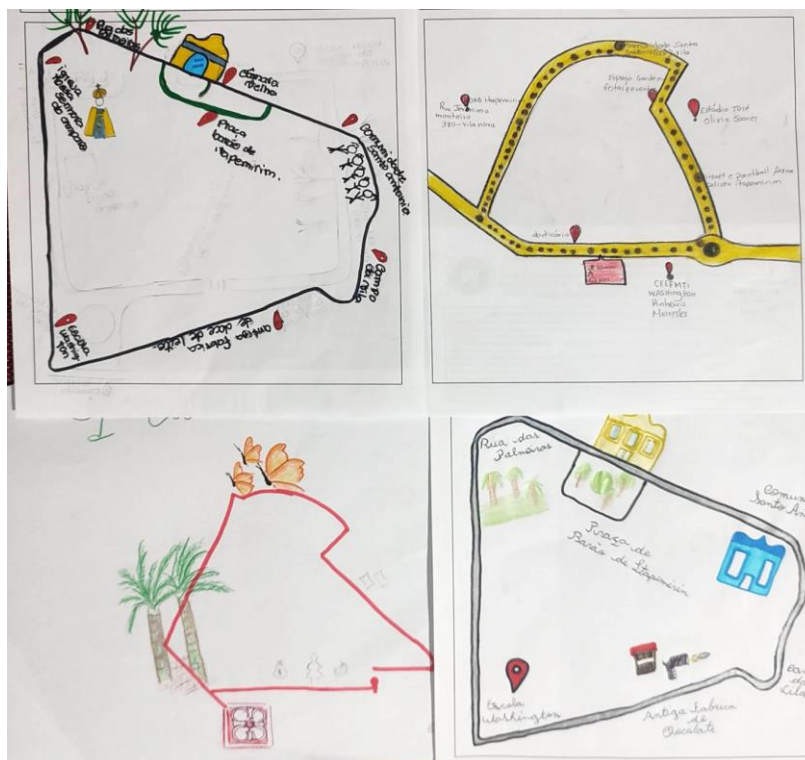


Figura 10- Cartografia realizada com os alunos no centro da cidade de Itapemirim, no entorno da escola.

Como professoras, estamos satisfeitas com os resultados, compreendendo que, conforme afirma Barros e Kastrup (2015, p.53) a “[...] pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”.

A intenção desse relato é propor experimentar o processo de caminhadas cartográficas como um processo educativo eficiente. Esperamos com a atividade que os alunos entendam a cartografia como processo e que, outras disciplinas da escola se apropriem da metodologia, compreendendo-a como um método de grande potencial para o processo de ensino aprendizagem.

Referências

BEZERRA, Daniel Almeida. **A arte de caminhar na cidade, educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB**. 2017. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências e exatas e na natureza, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG/UFPB), 2017. Orientador: Prof. Dr Carlos Augusto de Almeida Cardoso. Último acesso em: 01 de maio de 2024. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9754> .



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CARERI, Francesco: **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: GG, 2013.

DEWEY, John. **A Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes- Selo Martins 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. [S. l.]: Casa da Palavra, 2003.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> Último acesso em: 01 de maio de 2024 http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt

MACHADO. Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana**: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afroreferenciados. 2019. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019. Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias Afetivas: Proposições do Professor- artista-cartógrafo-etc**. *Revista R. Ra'e Ga - Curitiba*, v.30, p.106-130, abr/2014 Último acesso em: 01 de maio de 2024. <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v30i0.36087>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. *Revista Brasileira de História - Órgão Oficial da Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 27, 53, jan. - jun., 2007. Último acesso em: 01 de maio de 2024. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>

SILVA. Dilma Ângela. **Andarilhar e perceber a cidade com crianças da educação infantil**: cortejo, arte e mediação cultural. Orientadora: Mirian Celeste F. Dias Martins. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020. Último acesso em: <https://dspace.mackenzie.br/items/06810506-d2e7-432a-b8a7-2d8110ec3655>

Notas

ⁱ Metá (reflexão, raciocínio, verdade) + hódos (caminho, direção). Dicionário Etimológico. HTTP://www.grandiano.com.br/html/fr_dic.htm (acessado em janeiro/2009). (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17).

ⁱⁱ "Menir. A palavra *menir* deriva do dialeto bretão e significa literalmente "pedra longa" *men* = pedra e *hir* = longa. O surgimento do menir representa a primeira transformação física da paisagem de um estado natural a um estado artificial. O menir é a nova presença no espaço neolítico, é o objeto ao mesmo tempo abstrato e vivente a partir do qual, a seguir, se desenvolveram a arquitetura (a coluna tripartida) e a escultura (a lápide-estátua)". (CARERI, Francesco: **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: GG, 2013, p.56).



iii Grupo internacional Situacionista: “O Grupo Internacional Situacionista entra como referência para pensar a cidade, os espaços coletivos que carregam histórias subjetivas. Sua nomenclatura surgiu na “Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana” (1955), em uma definição compacta: o estudo dos efeitos do ambiente, conscientemente organizado ou não, nas emoções e maneiras, comportamentos e modos de ação, procedimentos e condutas, ações e atos dos indivíduos”(PEREIRA, 2014 p.111). Definição citada no artigo “CARTOGRAFIAS AFETIVAS: PROPOSIÇÕES DO PROFESSOR- Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Juliana Cristina Pereira (2014) <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36087> acesso em: 04 de maio de 2024. ARTISTA-CARTÓGRAFO-ETC” da autora.